

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *A VÊNUS DAS PELES*

FEMININE CONSTRUCTION IN *VENUS IN FURS*

Renan Marques Isse¹

RESUMO

No presente artigo, buscamos apresentar o ideal feminino de Sacher-Masoch (1836-1895) representado na sua obra principal, *A Vênus das peles* (1870). Para tal, conjugaremos as informações apresentadas por Bernard Michel (1992) e James Cleugh (1967) às palavras de Gilles Deleuze (2009). Notam-se presentes três tipos femininos, sendo dois extremos e um terceiro, que se apresenta como meio termo dos dois primeiros, aquele que é verdadeiramente o ideal de Sacher-Masoch. Tal construção, porém, oscila como um pêndulo pelos dois tipos extremos, obtendo deles as características a serem combinadas no verdadeiro ideal. Dessa forma, analisaremos os comportamentos dos três tipos femininos para aproximá-los ao comportamento de Wanda, a personagem feminina do romance e demonstrar do que se trata o verdadeiro ideal de Sacher-Masoch.

Palavras-chave: literatura, feminino, Sacher-Masoch, *A Vênus das peles*.

ABSTRACT

In the following article, we intend to present Sacher-Masoch's (1836-1895) feminine ideal, represented in his masterpiece *Venus in furs* (1870). In order to do so, we will combine the information presented by Bernard Michel (1992) and James Cleugh (1967) to Gilles Deleuze's (2009) words. There can be seen three different feminine types, two of which are opposite to each other, and originate a third one as common ground between the others, the one that is the true Sacher-Masoch's feminine ideal. Such construction, however, swings like a pendulum over the two opposite female types, getting the characteristics to be formed in the true ideal from them. This way, we will analyse the three female types' behaviours in order to bring them closer to Wanda, the female character of the indicated novel and demonstrate what the true ideal is about in Sacher-Masoch's literature.

Keywords: literature, feminine, Sacher-Masoch, *Venus in furs*.

Introdução

Leopold von Sacher-Masoch (1836 – 1895) foi um romancista austríaco, professor universitário, jornalista e tradutor nascido em Lemberg, capital da Galícia (atual Ucrânia), até então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Nasceu num

¹ Doutor em Letras: Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado e bacharel em Letras: português/italiano pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2021), bacharel em Letras - Português/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela UNESA (2018), Especialista em Tradução - Italiano pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017) e Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017). E-mail: renanisse18@gmail.com

território de fronteiras, entre o Oriente e o Ocidente, portanto, sob influências filosóficas, literárias e, sobretudo, folclóricas alemãs e russas.

Ter nascido na interseção de duas linhas de pensamento completamente distintas fez florescer em Sacher-Masoch uma qualidade ímpar para criar suas narrativas e seus personagens. O autor apresenta muito de suas próprias visões enquanto sujeito e representa suas experiências de certo modo até biograficamente.

Um dos principais temas de relevância na obra de Sacher-Masoch é o ideal feminino que seus personagens incessantemente buscam ao longo das narrativas. Em seus romances e novelas, notam-se mulheres fortes e obstinadas, que agem de um modo particularmente diferente das tradicionais heroínas da literatura do século XVIII, como veremos a seguir.

As raízes da criação

Sacher-Masoch apaixonou-se diversas vezes por mulheres das mais variadas classes sociais. Elas, no entanto, possuíam uma característica em comum: a crueldade. Em suas biografias mais amplamente divulgadas (CLEUGH, 1967; MICHEL, 1992), é vital destacar o primeiro contato que teve com uma mulher cruel, que o marcara permanentemente. Tal mulher é Zenobia, uma suposta tia polonesa, do lado paterno de sua família.

Foi em uma pessoa, que na verdade morou um tempo sob o mesmo teto que ele, que todos os ideais de Sacher-Masoch de amor elevado e perigoso pareciam ter sido encarnados. Foi sua tia paterna, a Condessa Zenobia. O sangue eslavo dela permeava-a com austeridade. Alta e bela, nos seus trinta e poucos anos, ela possuía um gosto extravagante por roupas e um marido insignificante. Sacher-Masoch a adorava, e ela ficava encantada pela adoração do sobrinho. Ela o deixava servi-la em suas frequentes mudas de roupa. (CLEUGH, 1967, p. 12) ²

Não se pode afirmar que ela realmente seja parente sua. Além de os russos e pequenos russianos costumeiramente chamarem pessoas próximas à família de “tio” e “tia”, não se notam relações familiares com poloneses na árvore genealógica da família de Sacher Masoch. (MICHEL, 1992) Controvérsias à parte, a descrição de Zenobia já indica alguns atributos físicos que Sacher-Masoch busca: austeridade e beleza.

² Tradução nossa. But in one person, who actually lived for a while under the same roof, all little Leopold's ideals of high and dangerous romance seemed to be incarnated. This was his paternal aunt, Countess Zenobia. Her Slav blood had endowed her with a commanding disposition. Tall and handsome, in her middle thirties, she possessed an extravagant taste in dress and a somewhat insignificant husband. Leopold adored her and she was amused by his adoration. She let him fetch and carry for her, help her with her frequent changes of costume.

Como todo bom filho de aristocratas, Sacher-Masoch teve uma educação primorosa. Ao lado da condessa, no entanto, ele comportava-se da pior maneira possível para chamar atenção da mulher a quem ele tanto estimava. Em um momento quando seus pais não estavam por perto, sua tia decide castigá-lo para que ele não torne a repetir o mau comportamento. Após o castigo, Sacher-Masoch declara que

[...] meu gosto pelas mulheres foi estipulado sob a vara de uma bela criatura voluptuosa que, em sua jaqueta de peles, pareceu-me uma rainha colérica: desde esse dia, minha tia foi para mim a mulher mais encantadora que Deus pôs sobre a terra. (SACHER-MASOCH *apud* MICHEL, 1992, p. 58)

James Cleugh (1967), seu outro biógrafo reconhecido, descreve uma cena em que o jovem Sacher-Masoch ajudava a tia a se vestir, e, enquanto calçava-lhe os sapatos, deixou escapar um beijo nos pés dela. Ela chutou-lhe o rosto e ele percebeu que ficara mais satisfeito com a dor e a punição do que com o beijo roubado.

Outra situação descrita é quando, durante uma brincadeira de esconde-esconde com seus primos, o narrador Severin acaba por se esconder no quarto de Zenobia, atrás de seus casacos de pele. Logo em seguida a condessa chega acompanhada por um jovem rapaz, com quem ela se dirige até o divã para ter relações. Alguns minutos depois o marido da condessa entra no quarto de surpresa e flagra a traição de sua esposa. Paralisado, o marido traído recebe um soco de sua esposa e é expulso do quarto. Severin, escondido e incrédulo com as cenas presenciadas, derruba um cabide, o que desperta a atenção de sua tia, e logo se torna o novo alvo de sua raiva.

Tentei em vão explicar minha presença e me justificar; num piscar de olhos ela me estendeu sobre o tapete; em seguida e agarrando pelos cabelos, com a mão esquerda, e colocando um joelho sobre meus ombros, começou a me chicotear vigorosamente. Apertei os dentes com todas as minhas forças; apesar disso, as lágrimas me subiram aos olhos. Mas é preciso reconhecer, mesmo retorcendo-me sob os golpes cruéis da bela mulher, senti uma espécie de gozo. (SACHER-MASOCH *apud* MICHEL, 1992, p. 59).

O Feminino e as três mulheres

A influência do comportamento austero e violento de Zenóbia foi marcante para Sacher-Masoch, atuando principalmente na personalidade do autor e no modo com que ele se relacionava e criava as personagens femininas nas obras. Por muitas vezes as características físicas e psicológicas destas personagens são repetidas: opulência de

formas, crueldade no trato, altivez, comportamento despótico, entre outras. O *status* social não é recorrente, o que as leva a serem descritas como criadas, camponesas, cortesãs, czarinas, mocinhas ou revolucionárias. O que vale para o autor, portanto, é que suas personagens femininas sejam autoritárias e dominantes sobre os seus personagens, e, principalmente, que venham trajadas de uma bela *kazabaika*³. (DELEUZE, 2009; PIETRO, 2012)

Ao contrário do padrão que se segue no romantismo europeu e americano, as mulheres em Sacher-Masoch não são mais ou menos apreciadas por sua virgindade, o que, nas rodas sociais da Europa do século XVIII era um grande tabu. Desse modo, suas personagens são em geral mulheres infelizes no casamento, viúvas, adúlteras abertamente, desquitadas ou mulheres que abandonaram os maridos, a quem o autor chama de mulheres livres. Sacher-Masoch, portanto, rejeita a descrição clássica da mocinha romântica, pura e virginal para priorizar a mulher independente e livre. (MICHEL, 1992)

Como prefere mulheres já experientes e vividas, predominantemente suas personagens femininas beiram os trinta anos. Além disso, é preferível que elas sejam mulheres de posses ou aristocratas, de modo que sejam livres financeiramente e que não precisem subjugar-se aos maridos. Desse modo, elas são capazes de encarnar o seu ideal não por necessidade, e sim por devoção e vontade própria, afinal

[...] as escravas são mais livres e por consequência desfrutam do prazer dos corpos. Essa visão de mundo também reflete nas suas novelas. Suas personagens já tiveram algum tipo de experiência amorosa. Em geral são viúvas, casadas que vivem casamentos infelizes ou que abandonam os maridos, ou mulheres intituladas livres. [...] (ISSE, 2023, p. 122)

A imagem central, em Sacher-Masoch é uma bela mulher, trajada de uma igualmente bela *kazabaika*. Trata-se, inclusive, de um elemento essencial para o bom encadeamento da obra masochiana, conforme aponta Michel (1992, p. 153):

A suntuosidade do traje feminino constitui um prelúdio indispensável ao amor. Ele não é nem supérfluo nem acessório. Está intimamente ligado à personalidade da mulher que ele revela fortemente. Não há retrato de mulheres sem longas descrições de suas roupas. Sacher-Masoch capta todos os matizes das cores, que ele prefere vivas e provocantes, sabe apreciar a variedade e o cambiante reflexo dos tecidos, com predileção pela seda.

³ Jaqueta ou casaco de veludo usado por mulheres escravas, guarnecido e debruado com peles de animais.

A *kazabaika*, portanto, ajuda a compor a imagem plástica e artística da mulher dominadora. Quando elas vestem o casaco de peles, colocam-se numa posição de obra de arte e são contempladas pelo personagem masculino, em estado de admiração plena.

Além disso, a *kazabaika* possui outra função: reforçar a estética da escola romântica ao cobrir a sexualidade do corpo feminino. Dessa forma, ao descrever a cena em que o corpo da personagem se coloca despido frente aos seus protagonistas, Sacher-Masoch direciona o olhar do seu leitor para a descrição delicada da peça, o que contribui com a suspensão da sexualidade que viria a ser retratada.

Com toda a atenção que dedica às mulheres em sua literatura, não é de se surpreender que Sacher-Masoch tenha sido um autor deveras popular entre seu público leitor feminino.

Se sua obra teve tanto sucesso imediato junto a elas [às mulheres], foi porque elas reconheciam nele um homem que não se interessava somente por sua beleza, mas também por sua inteligência e sua alma. Ele sabia ouvi-las, compreendê-las. Daí a variedade dos diálogos femininos em seus romances. Aí também acredita-se frequentemente que ele repete ao infinito o mesmo modelo do que chamou “seu ideal”: uma mulher dominadora e sensual. Estou, pelo contrário, impressionado com a diversidade delas. (MICHEL, 1992, p. 149).

No que diz respeito à diversidade das mulheres descritas em suas obras, Gilles Deleuze (2009) descreve-as em três tipos. O primeiro deles é a Afrodite, o tipo de mulher que vive para amar e ser amada e, conseqüentemente, permite-se a tudo em nome do amor. Ela propõe a liberdade e a independência feminina, mas apenas como ponto de partida para que possa praticar seu controle sobre o homem com quem se relaciona.

No outro lado da mesma linha encontra-se a mulher “sádica”, aquela que exerce seu domínio através da força, da crueldade e da tortura. Deleuze (2009) a define dessa forma levando em consideração o comportamento de praticantes do sadismo, uma prática sexual que envolve agressões, violências e torturas, sejam elas físicas ou psicológicas. Não nos aprofundaremos na caracterização tanto do sadismo quanto do masoquismo, pois o que nos cabe é demonstrar que essa mulher “[...] não é essencialmente sádica; os dispositivos masochianos a fizeram assim. O impulso pedagógico e a retórica dos personagens masculinos, além da redação do Contrato, criaram nela o desejo de infligir dores” (ISSE, 2023, p. 125).

Retomando a análise, a sádica ou “mulher-carrasco” não é inerentemente sádica; ela apenas desempenha um papel instigado pelos heróis masochianos. Em outras palavras, a mulher sádica é o primeiro contato da Afrodite com o ideal proposto por Sacher-Masoch, com todas as *nuances* de exagero com que acontecem a violência e os castigos que essa mulher-carrasco propõe. (DELEUZE, 2009)

Sabe-se, porém, que nenhum desses dois extremos femininos define o verdadeiro ideal feminino do autor. Dessa forma,

Esses dois modelos femininos, na realidade, não exprimem o ideal masoquista, e sim os limites entre os quais esse ideal se movimenta e se suspende, como a oscilação de um pêndulo. Exprimem o limite em que o masoquismo perde sua razão de ser. Mais do que isso: do lado da própria mulher-carrasco, esses limites exteriores exprimem uma mescla de medo, de repugnância e de atração, significando que a heroína nunca está segura de poder se manter no papel que o masoquista lhe insufla, e presente correr o risco, a cada instante, de cair no heterismo primitivo ou desaguar no sadismo final. (DELEUZE, 2009, p. 51)

O tipo feminino que tanto o autor quanto seus personagens buscam está localizado entre os dois extremos – a Afrodite e a sádica. Tais polos não são excludentes; eles servem para balizar a conjunção de uma terceira mulher, que une a delicadeza da Afrodite com a crueldade da sádica; ao mesmo tempo, o ideal feminino é meigo e cruel, frio e caloroso. A violência excessiva da mulher-carrasco e o sentimentalismo da Afrodite dão lugar à sentimentalidade suprassensual, que se mostra como característica marcante da mulher idealizada.

Em princípio pode parecer paradoxal conceber uma mulher que aja amorosa e cruelmente ao mesmo tempo, mas a “sentimentalidade suprassensual” é clara no que diz respeito ao comportamento feminino. O verdadeiro ideal feminino não é exclusivamente agressivo ou bondoso; ele demonstra *nuances* de comportamento que devem se adequar a cada situação em que o casal se encontra. Sacher-Masoch busca ser amado, mas tal amor deve vir acompanhado de torturas e agressões, pois os traços deixados pela sua tia Zenobia fincaram raízes tão profundas que ele não consegue separar o amor das manifestações de violência. Para Sacher-Masoch, é mister que a mulher escolhida saiba transitar entre os dois extremos desse pêndulo, como se fosse uma relação dualista amor/dor.

Wanda, a Vênus das peles

Revista de Letras Norte@mentos

37

O romance apresenta um relato escrito por Severin para contar ao seu amigo interlocutor como ele superou um relacionamento que não se encaixava nos padrões da época. O amigo de Severin sonha com a presença de uma mulher que toma as formas de um busto de mármore da deusa Vênus. No sonho, o homem e a deusa dialogam a respeito de amor e maneiras de se relacionarem, sempre com a deusa mostrando um viés diferenciado do ponto de vista do homem, que mais se assemelha ao modelo tradicional de relacionamento homem-mulher.

Severin é um jovem galiciano abastado que já passou pela mesma situação que o homem enfrenta no momento. No relato que Severin lhe entrega, o leitor é apresentado ao seu relacionamento com uma mulher chamada Wanda, uma jovem viúva de aproximadamente 21 anos e igualmente abastada. Para o leitor bem informado, muitas características presentes no relato são vistas na biografia de Sacher-Masoch.

Severin recebe uma pequena folha com a foto da Vênus. Ao lado, ele escreve alguns versos e coloca a imagem dentro de um livro. Fortuitamente, uma das criadas de Wanda diz que a sua senhora gostaria de algumas sugestões de livros, ao que Severin prontamente reúne alguns exemplares e lhe entrega. Já era tarde, porém, quando ele se dá conta que tinha enviado junto a imagem da sua musa com as palavras que escreveu junto ao livro que agora já está nas mãos de Wanda. Ambos discutem a natureza dos relacionamentos entre homem e mulher e seus respectivos papéis. Wanda defende que é incapaz de entregar-se a um homem apenas porque um dia o amou, defende a liberdade feminina através do amor e diz que é à natureza que cabe ditar a dinâmica do relacionamento entre um casal. Severin, por outro lado, defende os ideais do autor Sacher-Masoch.

Em sua infância, Severin sofreu açoitamentos, castigos e demais punições, de tal maneira que ele associa o amor e o prazer ao sofrimento. Ele menciona a existência de uma mulher, a condessa Sobol, sua tia distante. Para Wanda, ele narra um encontro com essa tia em que se desperta o seu ideal feminino de conduta e comportamento. Essa experiência vivida com a condessa foi o grande despertar do jovem Severin para o sexo feminino.

Sob a vara da *bela e opulenta* mulher, que me aparece em seu *casaco de peles* feito *monarca* tomada pela ira, despertam pela primeira vez meus sentidos para o sexo feminino. E desde então, minha tia se me pareceu a mulher mais atraente sob o sol. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 57, grifos nossos).

Como se pode ver, o ideal feminino de Severin não foge desse padrão indicado. Ele busca uma mulher bela, com traços fortes, que se comporte de forma cruel e tenha sempre um casaco de peles (kazabaika) a tiracolo para vestir-se.

Fica claro que as preferências de Severin nada têm a ver com a mulher enquanto pessoa. Ele nutre paixão por um ideal feminino que deve cumprir certas regras e comportar-se de tal forma. No entanto, quando a condessa descobriu que lhe agradava entregar-se aos pés de uma bela mulher, ela se permite fustigá-lo furiosamente, enquanto ele lhe adora. Severin então conclui, em seu diálogo com Wanda, que “estava enamorado tão só pelo papel que desempenhara minha tia, por quem fui fustigado cruelmente” (SACHER-MASOCH, 2011, p. 59).

Wanda aceita a ideia de pertencer a um homem para sempre, mas precisa que ele se imponha a ela, que Severin seja o martelo e ela a bigorna, pois todos os homens se tornam fracos quando se submetem à mulher. Wanda só pode amar se estiver de joelhos ela própria. Severin, no entanto, entre dominar ou ser dominado, prefere claramente que uma bela mulher o escravize. A metáfora do martelo e da bigorna ilustra a posição de ambos, que, em um relacionamento, uma das partes será a dominante (martelo), enquanto a outra será a dominada (bigorna).

Nesse momento, Wanda deixa clara sua predileção, o que a aproxima do primeiro tipo feminino apontado por Deleuze (2009): a mulher Afrodite. Wanda quer amar de forma terna e gentil, que um homem forte a possua e a domine.

Após discutirem brevemente sobre os papéis masculinos e femininos em um relacionamento, Wanda decide aceitar a proposta de ser ela a dominadora

Acho bastante divertido ter tão na palma da minha mão um homem que me interessa, que me ama. Ao menos sei que não vou me entediar. O senhor foi tao imprudente em me deixar escolher... Escolho então, *eu quero, que o senhor seja meu escravo. Quero fazer do senhor o meu brinquedo.*

- Pois faça-o! – gritei um tanto arrepiado, um tanto em deleite. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 53. Grifos nossos).

Nesse contexto, é válido ressaltar que Wanda não perde as características do primeiro tipo feminino quando aceita desempenhar o papel de mulher-carrasco (DELEUZE, 2009). O que de fato acontece é uma longa empreitada persuasiva de Severin para convencê-la a agir como a mulher cruel que ele tanto busca. Dessa forma,

portanto, não se pode considerá-la um contraponto sádico numa obra lida como masoquista.

Wanda se entrega de tal modo ao amor que ela aceita a eloquência retórica de Severin e se permite seguir o combinado e agir do modo que mais agrada ao seu amado. Ao longo das páginas nota-se um posicionamento dela, em que defende direitos iguais aos dois lados do relacionamento, porém, ela o faz apenas na intenção de preparar o terreno para enfim impor a ordem da mulher “sádica”, conforme a apresentação proposta por Deleuze (2009).

A mulher sádica, portanto, é um subproduto da criação literária de Sacher-Masoch. Através de uma retórica pedagógica, o personagem masculino nas suas obras visa à persuasão da mulher, para que ela torne-se uma entidade “masoquizante” por assim dizer: ela será a responsável por causar as sensações prazerosas ao protagonista sem de fato apresentar o sadismo por conta própria.

Além disso, frequentemente Wanda se indaga se é realmente capaz de desempenhar esse papel de mulher-carrasco. Nesse sentido, Deleuze indica que

Em todos os romances de Masoch, a mulher persuadida mantém uma última dúvida, um temor: aceitar um papel que lhe é imposto, mas que ela talvez não saiba representar, pecando por excesso ou por falta. (DELEUZE, 2009, p. 23).

Wanda começa a hesitar se é capaz de entregar o que Severin espera. Ele, por sua vez, reforça que é apaixonado pela jovem e que não conseguirá viver sem ela. O primeiro alerta é feito: quando um homem se entrega a Wanda por completo, ela se torna prepotente e acrescenta que, caso isso aconteça, o resultado não será bom. Enquanto Severin tenta persuadi-la a aceitar seu modo de relacionar-se, Wanda o alerta novamente que essa não é a maneira ideal de tê-la.

Desde o início do enlace amoroso, Wanda constantemente alerta Severin de que esse modo de relacionamento não é bom para si, mas o protagonista não lhe dá ouvidos. Em primeiro lugar, Wanda salienta que só se apaixona por um homem que consiga dominá-la. Em seguida, reforça que, caso o homem não se imponha a ela, jamais poderá lhe pertencer verdadeiramente. Severin, que não cogita a ideia de um dia perdê-la, não consegue entender que seguir esse modelo de comportamento implicará exatamente aquilo que ele tanto teme que aconteça.

Apesar das hesitações, Wanda aceita sua nova função e convoca Severin aos seus aposentos por meio de uma carta. O fidalgo deveria apresentar-se na condição de escravo. Quando Severin parte para beijá-la, Wanda o interrompe e ordena que ele lhe entregue o chicote e se ponha de joelhos diante dela. Os primeiros golpes causam repulsa na viúva, mas, na intenção de agradar ao herói masochiano, há a continuidade na sequência de açoites:

Os golpes se sucediam, rápidos, vigorosos, sobre meu dorso, em meus braços, cada qual me penetrando as carnes, e deixavam uma sensação de ardência – queimava, mas as dores me eram um deleite, pois provinham dela, a quem eu adorava, a quem a cada momento eu estaria pronto para dar a vida. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 69)

Quanto mais chicotadas desferia, mais e mais satisfeita Wanda ficava. O estalar do chicote fez o pêndulo deleuziano abandonar o lado da Afrodite e colocar-se na posição da mulher sádica. Wanda passa de um extremo ao outro e agora se comporta, finalmente, como a mulher-carrasco que Severin tanto buscou.

O Contrato e o comportamento feminino

Após a longa etapa persuasiva, em que Severin se prontifica a convencer Wanda a desempenhar o papel feminino que ele tanto busca, Sacher-Masoch insere no romance alguns elementos imprescindíveis para a validação de qualquer comportamento dos amantes dentro da sua obra literária, ou seja, é necessário indicar claramente quais são os comportamentos esperados de cada um dos participantes dessa nova dinâmica de relacionamento. Na literatura de Sacher-Masoch, há a presença do Contrato como documento que garante a segurança dos personagens envolvidos. Severin e Wanda discutem termos de conduta, comportamento e demais consequências de certos atos e os validam na forma do Contrato, onde constam as assinaturas de ambos.

No contrato se estabelecem os direitos e deveres de cada um: ela trata de atender aos desejos do fidalgo, incluindo menções às torturas, punições e maus tratos que fazem parte do ideal de relacionamento que Severin vislumbra. Há também uma cláusula que se faz obrigatória: o uso frequente de kazabaika, para impor a sensação de crueldade que o homem tanto preza em suas mulheres.

Nas aventuras reais de Masoch, assim como em seus romances, no caso particular de Masoch tanto quanto na estrutura do masoquismo em geral, o contrato aparece como a forma ideal e a condição

necessária da relação amorosa. Um contrato então se estabelece com a mulher-carrasco, renovando a ideia de antigos juristas segundo a qual mesmo a escravidão apoia-se num pacto. Só nas aparências o masoquista está preso por correntes e amarras; é sua palavra que o prende. *O contrato masoquista não exprime apenas a necessidade do consentimento da vítima, mas o dom de persuasão, o esforço pedagógico e jurídico com que a vítima adentra o carrasco.* (DELEUZE, 2009, p. 76-77. Grifos nossos)

O contrato é um elemento indispensável na literatura de Sacher-Masoch, uma vez que é a ele que todos os elementos do masoquismo se direcionam. O contrato justifica a necessidade de persuasão por parte de Severin, justifica as mais violentas torturas e humilhações que ele sofre, garante à Wanda o direito de possuir Severin como seu escravo, entre outras legitimações. Não há literatura de Sacher-Masoch sem o contrato, documentado formalmente ou apenas mencionado oralmente, uma vez que, sem ele, não haveria a perseguição ao ideal feminino, um dos elementos norteadores de sua obra.

O contrato reforça o caráter pedagógico do herói masochiano, uma vez que busca fazer com que a mulher torne-se um sujeito masoquizante, no que diz respeito ao comportamento e às atitudes que Severin espera que ela seja capaz de adotar. O ato de instruir a mulher a agir como o romancista quer é parte fundamental no entendimento do contrato e de suas relações.

Jamais Sacher-Masoch aceitaria uma mulher-carrasco inerentemente sádica. Seu objetivo é pedagógico; ele busca formar a mulher. A mulher-carrasco, portanto, não pode ser sádica porque ela pertence ao universo masochiano; ela é um produto do contrato e, principalmente, da empreitada pedagógica proposta pelo “professor” Sacher-Masoch. Foi Severin quem construiu a essência masoquizante em Wanda, e ela só o mantém quando está seguindo o contrato. (ISSE, 2020, p. 158)

Severin não procura uma mulher com caráter sádico, pois a função pedagógica perder-se-ia. Ele quer formar a mulher. A mulher-carrasco, portanto, não pode ser sádica porque ela pertence ao universo masochiano; ela é um produto do contrato e, principalmente, da empreitada pedagógica proposta pelo “professor” Sacher-Masoch. Foi Severin quem construiu a essência masoquizante em Wanda, que só a mantém enquanto está seguindo o contrato. Ela não age como carrasco sempre porque não atua da mesma maneira com o Grego nem com as suas criadas.

Tão logo Severin expõe seu ideal para Wanda, apresenta os conceitos que busca, as formas de tratamento e punições envolvidas, surge a necessidade de documentar tudo

que fora verbalizado anteriormente. Tanto nessa como em outras de suas obras, o herói masoquista submete sua mulher-carrasco a assinar um Contrato em que ele renuncia a tudo que tem e a quem ele é para tornar-se única e exclusivamente propriedade da mulher. Ele lhe outorga direitos inalienáveis no pacto que firma com ela.

O tratamento que as partes do relacionamento usavam para dirigir-se um ao outro se adequava aos padrões formais da época. Ambos tratavam-se por senhor/senhora, o que demonstrava o respeito existente entre Severin e Wanda. No entanto, como já foi destacado que a redação do Contrato confere uma mudança sensível à mecânica de funcionamento desse relacionamento, é válido destacar que o documento começa a agir no cerne das relações mais básicas entre o casal: o modo com o qual um dirigir-se-á ao outro a partir da assinatura.

Na condição de *escravo* da *senhora* Von Dunajew, atenderá pelo nome de Gregor, satisfará a todos os seus desejos, obedecerá todas as suas ordens, se mostrará sempre completamente submisso à sua *dona*, considerando todo e qualquer sinal da benevolência desta tão-somente um ato excepcional de piedade. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 104. Grifos nossos)

Conforme se observa nos grifos, a cortesia com a qual Wanda se dirigia a Severin já não mais existe. O Contrato define explicitamente que ele agora deverá se comportar como um escravo, além de mostrar total entrega e submissão aos desejos de Wanda, sua dona.

Tão logo assinam o contrato, Wanda exige que Severin, na posição de escravo, dirija-se ao seu quarto. Quando o escravo tenta beijá-la, ela prontamente o repreende e ordena que ele lhe entregue o chicote. De joelhos, ela desfere a primeira chicotada.

-Cala-te, escravo! – E foi de súbito que seu olhar adquiriu um tom sombrio, mesmo selvagem, e Wanda me desferiu uma chibatada; já no instante seguinte envolveu-me ternamente o pescoço com os braços e inclinou-se piedosa para mim. – Doeu? – perguntou, com um misto de timidez e medo. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 68)

Enquanto tentava agir como a mulher-carrasco, Wanda, ao vê-lo se contorcendo de dores, abandona o personagem cruel e dirige-se a Severin amorosa e preocupada, como Afrodite. Severin intervém e declara que ela continue. Wanda consente e continua com as torturas, porém “[...] não é de coração que o faço sofrer. Todo este jogo brutal me é repugnante. Fosse eu realmente a mulher que chicoteia seu escravo, ficariais aterrado”. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 68)

No universo literário masochiano que se instaura a partir da denegação do mundo real, o Contrato tem a mesma importância que a Constituição, para o domínio jurídico. Eis o documento que fundamenta tanto o masoquismo dos personagens quanto o universo masochiano como um todo. Eis o elo entre os personagens e os subprodutos da literatura de Sacher-Masoch. (ISSE, 2021, p. 54)

Assim que a mulher aceita seus deveres e assina o contrato, ela se torna um subproduto do contrato dentro do universo literário masochiano. Ela não é violenta e agressiva por natureza – inclusive Wanda demonstra isso. Sua natureza gentil e amorosa não deve predominar sobre o carrasco que Severin busca criar para si. Ela é uma criação do contrato masochiano, redigido pelo próprio fidalgo. Sua disposição a causar-lhe sofrimentos e humilhações só existe a partir do contrato que fora firmado por ambos

Considerações finais

Os dois modelos femininos apontados por Deleuze (2009) como tipos femininos que Sacher-Masoch tanto busca representar na sua literatura devem ser vistos como duas características opostas e, em princípio excludentes, de uma caracterização complexa, da qual o verdadeiro ideal feminino surgirá. Tais extremos – a Afrodite e a Sádica – balizam as características imprescindíveis no verdadeiro ideal masochiano que, no entanto, situa-se no meio termo entre ambas as extremidades apresentadas nas palavras de Deleuze. Sacher-Masoch persegue um tipo de mulher que saiba conjugar a amorosidade da Afrodite à crueldade da sádica. A mulher que ele tanto busca deve, portanto, saber transitar entre os dois extremos.

É por isso que Deleuze (2009) considera a mulher-carrasco como a representação justa do ideal masochiano; a heroína deve ser amorosa, porém, ao mesmo tempo, deve conjugar os comportamentos e atitudes violentas e cruéis que Sacher-Masoch busca representar em suas heroínas.

Em todos os momentos que Wanda hesita a respeito da atuação como a mulher-carrasco, ela o faz verdadeiramente; sabe que não é parte da sua natureza amorosa e gentil (Afrodite) torturar e humilhar (mulher-carrasco) tanto assim uma pessoa a que tanto quer bem. Caso Severin tivesse percebido o comportamento de Wanda com olhos mais imparciais, ele teria notado que ela não seria capaz de conjugar as qualidades que o seu verdadeiro ideal feminino deve apresentar.

Tal percepção, enfim, manifesta-se apenas ao final do romance, quando Wanda convoca o Grego, seu amante, para chicotear Severin. No momento em que Severin começa a ser açoitado pelos golpes de um homem ele percebe que a crueldade havia tomado conta de Wanda de tal modo que ela não seria capaz de agir como a mulher fria e calorosa que ele imaginara.

As influências sofridas na juventude, a partir do contato que teve com sua tia, a condessa Zenobia, causaram-lhe um forte apreço pela crueldade feminina apresentada por uma mulher despótica, elegante e de classe. Não bastaria que uma criada desempenhasse esse papel, pois a ela faltaria a presença e a elegância que apenas as damas possuem.

Uma vez que a personagem feminina foi ensinada a seguir essas instruções, não se pode ver um caráter sádico inerente a ela por opção. Wanda é um produto da criação do masoquista e é pertencente ao universo do masoquismo. Como Severin é o responsável por criá-la, sua disposição a causar-lhe sofrimentos e humilhações só existe a partir dele, mais precisamente do Contrato que fora firmado. Deleuze diz que se trata de um sujeito masoquizante, visto que a personalidade de Wanda fora criada pelo masoquismo. Segundo Deleuze,

Defendemos que a mulher-carrasco pertence totalmente ao masoquismo, ela certamente não é um personagem masoquista, mas é um puro elemento do masoquismo. Ao distinguir numa perversão o sujeito (a pessoa) e o elemento (a essência), podemos entender como alguém escapa do seu destino subjetivo, mas só parcialmente, mantendo o papel de elemento na situação a seu gosto. A mulher-carrasco escapa de seu próprio masoquismo tornando-se “masoquizante” na situação. O erro é acreditar que ela é sádica ou até mesmo que se faça de sádica. (DELEUZE, 2009, p.43).

Ao final do romance, Wanda ressalta que, mesmo a contragosto, desempenhou fielmente o papel que Severin lhe ensinou; ela, no entanto, constantemente o alertava dos perigos a que esse tipo de relacionamento poderia levá-los. O insucesso do relacionamento corrobora a tese masochiana de que homens e mulheres são inimigos,

[...] podendo tão-somente [a mulher] ser sua escrava ou sua déspota – jamais sua companheira. Isto, só quando ela tiver os mesmos direitos que ele, só quando por nascimento, pela formação e pelo trabalho, for igual a ele. (SACHER-MASOCH, 2011, p. 155)

Nesse sentido, reforçamos o posicionamento vanguardista de Sacher-Masoch, que tira a mulher dos lugares a ela destinados durante a maior parte da literatura do

século XVIII, e lhe atribui posição de destaque na obra. Enquanto defensor da igualdade entre os gêneros, em sua biografia e ficção, Sacher-Masoch se destaca como o criador de uma representação forte e inovadora de personagens femininas na literatura europeia.

Referências

CLEUGH, James. *The first masochist: a biography of Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895)*. Great Britain: Tonbridge Printers, 1967.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch: Sua vida, aventuras, paixões e fantasias reconstituídas neste livro por seu grande biógrafo moderno*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ISSE, Renan Marques. Quando a violência sexual se torna prazerosa: uma leitura masochiana do masoquismo. *Olho d'água*. São José do Rio Preto: São Paulo, v.12, n.2, p. 152-161, 2020, ISSN 2177-3807.

ISSE, Renan Marques. A linguagem que denega a sexualidade. *Revista Interfaces*. Guarapuava: Paraná, v.12, n.2, p. 46-55, 2021, ISSN 2179-0027.

ISSE, Renan Marques. *Masoquista ou masochiano: Sacher-Masoch, o pensador que existe por trás da patologia*. 226f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PIETRO, Vilcélia Di. *Além do masoquismo*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SACHER-MASOCH, Leopold von. *A vênus das peles*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2011.

Recebido em: 17/01/2024

Aceito em: 28/03/2024